

A TRANSNACIONALIZAÇÃO COMO UM FLUXO RELIGIOSO NA FRONTEIRA E CAMPO SOCIAL: UMBANDA E BATUQUE NA ARGENTINA

Maia Guillot¹

O artigo de Alejandro Frigerio ocupa um lugar de destaque no percurso do autor que retoma, de forma concisa mas restituindo a complexidade do assunto, mais de vinte anos de trabalho de campo e estudo da transnacionalização das religiões afro-brasileiras (Umbanda, Quimbanda e Batuque) na região do Rio da Prata (Argentina e Uruguai). O exercício tem em si uma certa dificuldade e o autor atinge seu objetivo, organizando dados antigos com outros mais recentes, cobrindo assim com sua apresentação cerca de cinquenta anos de expansão religiosa. O alcance do texto é ainda mais consequente quando, desde as primeiras linhas, Frigerio anuncia que a região do Rio de Prata é o espaço – com exceção, é claro, do Brasil – onde os terreiros afro-brasileiros podem ser contados às centenas ou mesmo aos milhares. Os dados sociológicos, históricos, econômicos e etnográficos são habilmente tratados dentro de um quadro teórico bem amarrado. A partir do caso argentino, Frigerio participa do desenvolvimento de ferramentas analíticas amplas – mas sempre adaptadas à realidade do campo – para a compreensão da transnacionalização religiosa afro-americana, e contribui assim não somente para os estudos específicos da área, mas também para os estudos da transnacionalização religiosa de modo geral.

A difusão das religiões afro-brasileiras no Uruguai desde o final dos anos 1950 e na Argentina desde o final dos anos 1960, constitui uma transnacionalização *from below* dentro da qual as migrações não são o principal fator de circulação das práticas e crenças. No entanto, as atividades religiosas através das fronteiras nacionais de pais e filhos de santo brasileiros, uruguaios e argentinos, chamam a nossa atenção para o fato de que estes “transmi-

¹ Doutoranda em antropologia no Laboratoire d'ethnologie et de sociologie comparative (UMR 7186, CNRS/université Paris Ouest Nanterre La Défense).

grantes” tendo uma “mobilidade de curta duração”, têm desempenhado um papel fundamental na difusão dessas religiões no Uruguai e na Argentina, mas também em outros países – nas Américas e na Europa – que observam uma expansão de diversas variantes religiosas afro-americanas (Capone; Argyriadis, 2011). No caso do Portugal, onde realizo uma pesquisa sobre a transnacionalização do Candomblé e da Umbanda, a maioria dos fiéis é de origem portuguesa e nunca morou no exterior. Porém, a expansão dessas práticas religiosas conta com atores-chave que circulam além das fronteiras: pais e mães de santo brasileiros que compartilham suas atividades religiosas em ambos os lados do Atlântico e pais e mães de santo portugueses que foram iniciados no Brasil (Guillot, 2010).

A compreensão deste fenômeno religioso na Argentina – como em outros campos – não pode se dar sem um estudo multissituado, já que suas redes constitutivas atravessam um espaço geográfico, social e religioso interligando três metrópoles do Cone Sul: Porto Alegre, Montevideu e Buenos Aires. Reconhecendo a complexidade dessas redes transnacionais de fiéis e incorporando em sua apresentação o desenvolvimento mais recente de outras variantes religiosas afro-americanas na Argentina – como a Santería cubana e o Ifá nigeriano – Frigerio expande sua análise de campo social transnacional formado pelos praticantes da “religião dos *orixás*”. O autor descreve as dimensões e etapas essenciais desse fenômeno religioso, apura uma reflexão iniciada desde suas primeiras pesquisas e desenvolve conclusões teóricas amplas, insistindo sobre a necessidade de levar em conta a dinâmica contínua dessa transnacionalização.

Frigerio nos faz lembrar o que – talvez – esquecemos muitas vezes: a dimensão necessariamente comparativa do projeto antropológico, ou seja, o estudo de objetos locais sustentado por uma abordagem comparativa. Mas afinal, não tivemos sempre que lidar com objetos translocais? Na verdade, os estudos transnacionais nos convidam a olhar de maneira nova os nossos objetos de estudo. Essa é a abordagem realizada por Frigerio. De um lado, quando faz transbordar as religiões afro-brasileiras para além da Argentina e recoloca sua análise em uma parte do Cone Sul entre Brasil, Uruguai e Argentina; de outro, quando alimenta sua reflexão dos trabalhos de outros

especialistas das religiões afro-americanas e da sua expansão para além das suas fronteiras nativas – tais como Kali Argyriadis, Stefania Capone, Nahayeilli Juárez Huet e Ari Pedro Oro.

A maior ambição teórica deste trabalho é combinar duas abordagens dos processos de transnacionalização: como um fluxo religioso na fronteira e como campo social transnacional, conceito este desenvolvido por Linda Basch, Nina Glick-Schiller e Cristina Szanton Blanc.

A primeira perspectiva enfatiza os aspectos diacrônicos do fenómeno assim como os processos de desterritorialização, reterritorialização e realocização das religiões, isto é, a sua circulação e adaptação através das fronteiras nacionais. Frigerio usa a teoria de alinhamento dos quadros desenvolvida por David A. Snow, E. Burke Rochford, Steven E. Worden e Robert D. Benford, para analisar dois tipos principais de estratégias dentro dessa expansão religiosa.

Em primeiro lugar, a nível micro ou individual, há um “alinhamento dos quadros interpretativos” do catolicismo popular argentino com os das religiões afro-brasileiras, dois sistemas religiosos tendo estruturas ideológicas semelhantes. Ao utilizar os conceitos de *frame bridging* e *frame amplification*, eu penso que o autor deveria insistir mais sobre o fato de que as religiões afro-brasileiras *já* são historicamente constituídas, em parte, pelo catolicismo. Assim, quando as religiões afro-brasileiras são praticadas em um país em que, como no Brasil ou em Portugal, o catolicismo tem um lugar importante no campo religioso, os componentes a serem enfatizados são os que foram estruturalmente herdados do catolicismo popular. Esses permitem estabelecer o que o autor chama de “pontes cognitivas” entre as práticas locais preexistentes e as práticas afro-brasileiras. Neste contexto, explica o autor, a Umbanda representa um papel decisivo pois sua matriz de significado é mais próxima do catolicismo popular que o Batuque, por exemplo, pensado como mais “africano”. Essa noção de “ponte cognitiva” tem um grande valor heurístico, uma vez que pode ser aplicada a outros campos de investigação – como nos mostrou Frigerio (2004). Em Portugal por exemplo, a maioria dos líderes religiosos portugueses começou sua carreira na Umbanda, antes de ter sido iniciado no Candomblé. Em segundo lugar, a um nível macro,

os pais e filhos de santo argentinos também têm empreendido esforços para “alinhar” a sua religião à sua sociedade, a partir da elaboração de narrativas de pertencimento da Umbanda e do Batuque à nação argentina. Frigerio aponta três estratégias de legitimação – religiosa, cultural e de direitos civis – desenvolvidas sucessivamente pelos fiéis a partir de meados dos anos 1980, sem obter, entretanto, sucesso ou reconhecimento da sociedade.

A segunda perspectiva que permite conceituar a transnacionalização, sendo utilizada pelo autor para abordar a expansão das religiões afro-brasileiras na Argentina, tenta compreender a formação de campos sociais transnacionais interligando os fiéis em várias redes de relacionamentos, e enfocando seus aspectos sincrônicos. Em primeiro lugar, são as linhagens rituais e nações religiosas que ligam fiéis argentinos aos seus iniciadores brasileiros ou uruguaios. Mas atualmente, o espaço virtual de internet aparece como arena não menos consequente e dinâmica: os fóruns de discussão e fotoblogs conectam praticantes argentinos, uruguaios e, nos últimos anos em particular, cubanos e mexicanos.

A chave da argumentação de Frigerio é mostrar que essas duas perspectivas – circulação pelas fronteiras nacionais e campos sociais transnacionais – não se excluem mutuamente mas devem ser combinadas, visto que os campos sociais transnacionais também podem ser objetos de uma análise mais diacrônica e menos focada em seus aspectos propriamente estruturais. Com efeito, na Argentina, a introdução relativamente recente da Santería cubana e do Ifá nigeriano, bem como as discussões na internet entre filhos de santo de numerosos países, ampliam e complexificam esses campos sociais que se tornam cada vez mais, nas palavras do autor, “multidirecionais”. O campo social transnacional das religiões afro-americanas é de fato caracterizado por um forte policentrismo: o pólo designado como titular da “tradição” varia de acordo com o grupo religioso, a sua nacionalidade, a de seu pai/mãe de santo, ou do seu lugar de iniciação, e é objeto de questionamento contínuo, tendo vários centros de referência: Nigéria, Bahia, Cuba, Porto Alegre, Montevideu... É a multiplicação das pesquisas de campo e a comparação dos resultados de investigação que nos permitem compreender as lógicas constitutivas e dinâmicas desse campo religioso transnacional, em recomposição contínua.

REFERÊNCIAS

ARGYRIADIS, Kali ; CAPONE, Stefania (Org.). *La religion des orisha : un champ social transnational en pleine recomposition*. Paris : Hermann, 2011.

FRIGERIO, Alejandro. Re-Africanization in Secondary Religious Diasporas: Constructing a World Religion. *Civilisations*, Bruxelles, vol. LI, n^{os} 1-2, numéro spécial « Religions transnationales », Université libre de Bruxelles, p. 39-60, 2004.

GUILLOT, Maïa. ‘*Axé Ilê Portugal*’: parcours migratoires et religions afro-brésiliennes Portugal. *Autrepart*, Bondy, n^o 56, p. 57-74, 2010.